

Mundialização do capital e divisão sexual do trabalho: a walmartização das operadoras de *checkout*

Mundialization of capital and sexual division of labor: walmarting operators of checkout

Nilo Silva Pereira Netto

Mestre em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Professor da Rede Estadual de Ensino do Paraná

nilonetto@gmail.com

Nanci Stancki da Luz

Doutor em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo:

A partir de uma análise dialético-materialista, o presente artigo busca refletir acerca da inserção feminina no mundo do trabalho através da atividade de operação de *checkout* em um hipermercado estadunidense instalado no Brasil. Discute-se nesse momento, a caracterização dessa função laboral, notadamente inserida num processo de dimensões globais de precarização e aviltamento no trabalho, no qual a força de trabalho feminina encontra peculiaridades importantes. Utiliza-se para o intento, da análise de entrevistas semiestruturadas com sindicalistas envolvidos na representação desse setor de trabalhadoras, assim como de observações sistemáticas as lojas e *supercenters*.

Palavras-chave: Mundialização do Capital. Divisão sexual do trabalho. Trabalho feminino. Checkout. Wal-Mart.

Abstract:

From a dialectical-materialist analysis, this essay reflects about the entry of women in the world of work through the activity of checkout operating in a U.S. supermarket installed in Brazil. Argued that time, the characterization of this function at work, notably inserted in a global process of impoverishment and degradation of the work, in which the female workforce has important peculiarities. Used to the intent, the analysis of semi-structured interviews with unionists involved in the representation of this sector of workers, as well as systematic observations of the stores and supercenters.

Keywords: Mundialization of Capital. Sexual division of Labor. Female Labor. Checkout. Wal-Mart.

Originais recebidos em: 02/02/11

Aceito para publicação em: 23/08/11



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/) Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License

Introdução

O presente texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa¹ sobre as implicações da mundialização do capital no trabalho feminino. Para esse intento, optamos pelo estudo de uma categoria profissional no setor do comércio, notadamente inserido nas relações capitalistas mundializadas, nas quais empresas transnacionais exploram o trabalho em todo o mundo: é o caso das operadoras de *checkout* em hipermercados de característica multinacional.

Operadoras de *checkout* são trabalhadoras que atuam, em princípio, junto às máquinas registradoras da saída de mercadorias em super e hipermercados. No Brasil, são comumente aludidas como “caixas” de supermercado.

Temos encerrada nessa categoria profissional uma série de determinações contidas na sociedade capitalista hodierna e por isso o aprofundamento no estudo dessas trabalhadoras pode nos permitir ao exercício da reflexão acadêmica e seu trânsito do particular ao universal.

Essa pesquisa também se caracteriza como uma refutação às teorizações do fim do trabalho e apresenta uma atividade laboral no plano do trabalho concreto e vivo, extremamente simplificada, produtora ainda, de valor, ou seja, inserida na trama do trabalho não pago.²

Nela o trabalho complexo, cognitivo, tecnocientífico está, sem dúvida presente. Manifestado e incorporado na própria maquinaria tecnológica, mas que, segundo a

¹ Trata-se de parte das reflexões realizadas em dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), linha de Tecnologia e Trabalho, intitulada “Mundialização do capital: a divisão sócio-sexual do trabalho das operadoras de *checkout*”.

² Nas últimas décadas temos visto a literatura no campo sociológico se defrontar entre aqueles e aquelas que vociferam o fim do trabalho, ou a perda da centralidade do trabalho, e os que afirmam sua permanência nos marcos da sociedade de classes. É o caso em que o pensamento contemporâneo passa a anunciar em diversas vias o questionamento do trabalho e conseqüentemente o papel da classe trabalhadora na atualidade social (ANTUNES, 2006; TUMOLO, 1998). Segundo IASI (2006) um traço dos mais marcantes do pensamento corrente, tem sido colocar em dúvida a possibilidade de as classes sociais se converterem nas bases reais para a formação de uma identidade e ação coletiva. Para Iasi essa indagação orientou toda uma geração de pensadores, desde Hanna Arendt e Jürgen Habermas, passando por Ralf Dahrendorf e Bell, até Klaus Offe e André Gorz. Para o presente artigo não retomaremos todo o embate na sociologia do trabalho acerca das teorizações do fim do trabalho *versus* suas refutações. Todavia é importante situar que essa pesquisa toma as categorias trabalho e classe como centrais, levando em consideração a argumentação posta por ANTUNES (2006), ANTUNES (2005), NOGUEIRA (2004), HIRATA (1998) e outros. Esses autores e autoras apontam a impossibilidade de considerar o fim do trabalho e que tal fundamentação é fruto de uma visão fenomênica da realidade, uma percepção eurocentrista e cega à questão da divisão internacional e sexual do trabalho.

possibilidade economicamente mais viável ainda não prescindiu ³ do trabalho manual das operadoras dos caixas registradores. É a própria realização da imbricação entre o trabalho material e imaterial (ANTUNES e BRAGA, 2009), na qual a produção, a circulação e os serviços concretizam sua sintonia com a dinâmica da exploração lucrativa do trabalho.

Inserir-se por seu turno, num esforço teórico de âmbito mais geral, que pretende aprofundar o conhecimento acerca da morfologia do trabalho e da classe trabalhadora no capitalismo contemporâneo, tomando no plano metodológico tais categorias como centrais.

O movimento de mundialização dos hipermercados

No contexto da mundialização do capital ⁴ visualizamos no Brasil a chegada de grandes corporações transnacionais. A literatura crítica revela que essas corporações buscam nos países periféricos as melhores disponibilidades em termos de matérias-primas, força de trabalho barata e desorganizada, concessões fiscais e creditícias (COSTA, 2008). Essa perspectiva fez-se igualmente presente em nosso território, facilitadas ou mesmo conduzidas por governos obedientes e é exemplo concreto do movimento dos interesses do capital em processo de mundialização.

Assim como vários outros setores da economia, o segmento supermercadista foi e vem sendo palco de uma forte onda de investimentos por parte de empresas estrangeiras. Esse movimento pode ser observado contundentemente a partir de 1975 com a instalação no Brasil de uma loja da rede hipermercadista francesa Carrefour na cidade de São Paulo. No ano seguinte a rede inaugurou na cidade do Rio de Janeiro sua segunda loja e a partir de então, seu crescimento foi exponencial. Em 1998, a rede compra cerca de 85 lojas da Rede Champion Supermercados e nos anos seguintes passa

³ Embasada na perspectiva marxiana, essa concepção também pode ser visualizada na seguinte assertiva: “Embora o capital ainda empregue formas pretéritas de exploração do trabalho, cabe ressaltar que estas são formas de valorização do capital enquanto o valor da força de trabalho for mais atrativo aos “ganhos do capital” do que a automação do processo produtivo, ou seja, é uma “questão do cálculo” do capitalista” (TRISTÃO *et al*, 2009, p. 79).

⁴ Lima Filho (2004) descreve essa fase enquanto o prolongamento da etapa imperialista, e não como um capitalismo de novo tipo como afirmam alguns entusiastas da chamada globalização. Para o autor nessa fase estão mantidas e exacerbadas as características sistêmicas descritas por Lênin, onde o capital financeiro assume posição de dominância em relação às outras formas de capital. Segundo o autor, essa etapa capitalista se manifesta conforme a concentração e centralização de capitais industriais originam os monopólios e as grandes corporações.

a ampliar sua gama de atuação inaugurando outros tipos de estabelecimentos com a marca Carrefour como postos de gasolina, drogarias, agências de turismo, financeiras, além de lançar produtos de consumo de marca própria da empresa. Em 2009 a empresa adquiriu mais 10 lojas da Rede Gimenes no interior de São Paulo para o formato bairro e atualmente conta com mais de 170 lojas distribuídas pelo território nacional (TRAJETÓRIA..., 2010).

A bandeira⁵ também é a principal no chamado Grupo Carrefour, que engloba atualmente outros dois formatos e amplia seus números para 500 lojas e 70.000 trabalhadores – aludidos pela empresa como ‘colaboradores’. Nesse grupo estão contempladas as bandeiras do Grupo Dia e Atacadão, nas quais a corporação trabalha nos ramos de vendas de alimentação e produtos perecíveis com preços baixos (GRUPO DIA, 2010) e no ramo dos atacados. (OCUPANDO..., 2010).

Outro exemplo no mesmo setor nos é ainda mais caro. Trata-se da empresa estadunidense Wal-Mart. Segundo a página da empresa (WALMART..., 2010), ela foi fundada por Sam Walton em 1962, no estado do Arkansas, Estados Unidos e hoje em dia suas lojas e clubes de compra estão em 15 países, empregando mais de 2 milhões de pessoas e atendendo mais de 176 milhões de clientes por semana.

Ambas as empresas apresentam contundente processo de concentração e centralização de capitais, conforme a acepção marxiana,⁶ além de encontrarem-se dentre as mais significativas corporações transnacionais em atividade.

No ranking das maiores corporações do mundo, divulgado em 2009 pela revista estadunidense *Fortune*, o Wal-Mart encontra-se na terceira posição, enquanto a rede francesa anteriormente citada ocupa o vigésimo quinto degrau. As duas empresas estão na frente de gigantes mundiais como a PDVSA, a Samsung, o Citigroup, o Santander, a Siemens, a Hewlett-Packard e outras (GLOBAL..., 2009).

Dada a magnitude dessas corporações e considerando as proporções da empresa Wal-Mart é que tomamos essa última para nosso estudo mais aprofundado. A empresa é o que chamamos de “caso emblemático”, pois sintetiza material e simbolicamente o momento histórico pelo qual passa a sociabilidade do capital. Oriunda da maior

⁵ Bandeira é a forma como o setor se refere ao logotipo, à identidade de cada loja.

⁶ A concentração do capital é descrita por Karl Marx (2003) como um processo de geração e aumento da riqueza que funciona como capital, igualada à acumulação deste, assim como apresenta aumento do número de capitalistas, livremente e gradualmente concorrentes. A centralização por sua vez, “completa a tarefa da acumulação” (MARX, 2003, p. 730). É identificada pelo autor como a centralização dos capitais preexistentes em poucas mãos, ocorrendo apenas entre a riqueza já existente na forma de capital social.

potência econômica mundial, a Wal-Mart é uma empresa de dimensões gigantescas, fruto do processo de acumulação de capitais, instalada em diversos países periféricos especialmente na América Latina⁷.

Nesses países estão representadas marcadamente as contradições fundamentais da organização social capitalista, quais sejam: a enorme acumulação de riqueza num polo e miséria em outro, o avassalador avanço tecnológico e a precariedade do trabalho aviltado, assim como a contradição fundamental entre o campo detentor de meios de produção de riquezas e o campo despossuído.

Nesse sentido é que adiante tratamos de nos debruçar sobre as especificidades dessa corporação e algumas consequências de sua organização para o campo do trabalho, notadamente para função de operação de *checkout*.

O emblemático caso da empresa Wal-Mart

No Brasil, a empresa chegou em 1995, atualmente está presente em 18 estados, além do Distrito Federal, nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul em 353 unidades de atacado e varejo. De acordo com o site da empresa, seu faturamento chegou a R\$ 15 bilhões em 2007 ocupando a terceira posição no ranking da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS)⁸.

O processo de centralização de capitais realizado por essa empresa fica bem ilustrado na linha do tempo divulgada pela mesma, quando no ano de 2005, adquire as 140 unidades da Rede Sona Distribuição Brasil – que já se configurava na época como uma rede de outras centralizações – que abarcam as bandeiras Mercadorama, Nacional, BIG e Maxxi Atacado.

Em um ranqueamento do ano de 2010 (FORTUNE..., 2010), dentre as maiores corporações estadunidenses, a Revista *Fortune* divulgou novamente a Wal-Mart no topo das empresas, a frente de bancos, petroleiras e indústrias automobilísticas.

Além de dados oficiais da empresa, contidos em seu material divulgado na internet e de referenciais bibliográficos, utilizamos os dados apresentados no Relatório

⁷ Suas lojas estão no Brasil, Chile, Honduras, México e outros países latinoamericanos.

⁸ Fact Sheet Wal-Mart Brasil, julho de 2009.

Executivo de Observação⁹ realizado pelo Observatório Social¹⁰ na empresa Wal-Mart Brasil e divulgado no ano 2000.

Segundo o relatório, a Wal-Mart Stores Inc. destaca-se no panorama empresarial internacional por ser uma das maiores empresas do mundo e líder no setor do comércio varejista. Em 1999, indica o relatório, a empresa faturou US\$ 138 bilhões em todo o mundo e empregou 910.000 trabalhadores.

No Brasil, segundo *Fact Sheet Wal-Mart (2009)*¹¹ seu faturamento em 2008 foi de R\$ 17 bilhões, 13% de acréscimo em relação ao ano anterior. Nesse ano, a empresa investiu no país R\$ 1,2 bilhão e calculou para o ano de 2009 a cifra de R\$ 1,6 bilhão, a maior desde que a empresa chegou ao país.

Sua expansão brasileira é ímpar no ramo. Atua no Brasil através da sua subsidiária Wal-Mart do Brasil Ltda, criada em junho de 1994. Inicialmente a empresa era uma *joint venture* com as Lojas Americanas, mas a sociedade foi desfeita em 1997 e o controle passou a ser integralmente da própria Wal-Mart Inc. As primeiras unidades da empresa foram postas em funcionamento em 1995. Quatro anos mais tarde, a Wal-Mart já era a sexta maior empresa supermercadista do país, com faturamento de R\$ 956 milhões e cerca de 6.150 empregados, segundo o relatório executivo do ano 2000.

Dado significativo ao nosso estudo, é que das 353 unidades Wal-Mart no país, 144 delas estão na região sul do Brasil¹², o que denota o perfil da força de trabalho

⁹ Em nossa pesquisa, analisamos algumas implicações para o trabalho em geral na empresa Wal-Mart traçando um quadro de condições laborais na empresa no Brasil, segundo os casos analisados pelo Relatório Executivo de 2000. Não retomaremos para esse texto a ampla discussão que fizemos a partir dele em nosso estudo, cabe, entretanto, esclarecer do que se trata. Apresentamos na pesquisa os dados coletados pelo mesmo acerca de basicamente quatro convenções da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que versam sobre a liberdade sindical, o respeito aos acordos coletivos, a saúde no trabalho e a questão de gênero. Nessa apreciação, reconhecemos nos resultados do relatório o descumprimento pela empresa de questões importantes das convenções, como por exemplo, o descumprimento de acordos coletivos de trabalho e as práticas antissindicais.

¹⁰ O Observatório Social é uma organização de sindicatos e entidades interessadas nos estudos do trabalho e da sociedade contemporânea que tem como missão analisar, observar e difundir a aplicação de normas e convenções sociais, ambientais e trabalhistas por parte de empresas, organizações e governos na conjuntura nacional e internacional. Também objetiva observar e difundir a situação social no Brasil, especialmente do Trabalho Infantil e Forçado, das discriminações de Gênero e Raça e da situação do Meio Ambiente. A construção do Observatório Social é uma iniciativa da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Escola Sul, em cooperação com o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) e Rede Inter-Universitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (UNITRABALHO).

¹¹ No site da empresa até 2009 podíamos acessar o *Fact Sheet Wal-Mart Brasil* no qual eram divulgados dados da empresa como: presença nos estados, atuais bandeiras da rede, faturamento anual, investimento anual, expansão da rede, geração de empregos, total de unidades e outras informações relevantes à comunidade em geral. Nesse ano já não se pode encontrar o boletim.

¹² Em todo o Brasil estão assim distribuídas: Nordeste: 143. Sudeste e Centro Oeste: 66. Sul 144, sendo 40 no Paraná, 9 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul.

requerido por esta empresa e também justifica a importância de estudos voltados a sua organização nessa região do país.

Em 2008, 42 lojas foram inauguradas, sendo 8 conversões – 34 novas lojas. Em 2009 foram 90 lojas, sendo mais de 30 unidades na região Nordeste: 9 já inauguradas e 5 conversões. No ano de 2010 a empresa anunciou a abertura de cerca de 100 novas lojas, o que – segundo a mesma – significará 10 mil postos de trabalho criados.

Em seu crescimento mundializado, a Wal-Mart tem procurado controlar seus investimentos isoladamente, sendo que apenas na China e na Coreia do Sul a empresa formou *joint venture* com outros investidores. Em alguns casos a empresa implantou sua própria rede, como são os casos de Argentina e Brasil, mas em geral realiza aquisições de empresas nos países em que se instala, tendo comprado a rede mexicana Cifra, em setembro de 1997, as alemãs Wertkauf (com 21 unidades) e Spar Handels (74 lojas) em 1998 e o grupo britânico Asda (229 lojas) em 1999, segundo o relatório executivo do ano 2000.

Optamos pelo estudo das operadoras de *checkout* em um hipermercado de característica multinacional por termos encerrada nessa categoria profissional e *locus* de intervenção uma série de determinações contidas na sociedade capitalista hodierna.

O fato de buscarmos uma empresa de ampla magnitude e poderio internacional também não é aleatório. Trata-se de encontrar nesse perfil corporativo uma referência mundial de organização empresarial e gestão de recursos humanos. Sua trajetória de sucesso expansionista e ampliação de lucratividade é uma vitrine para o mundo corporativo capitalista. Nesse sentido, na gestão de grandes corporações – com adaptações e flexibilizações locais – vamos encontrar as tendências que inevitavelmente impõem-se para todo um ramo produtivo. Por isso, não de forma generalizante, faz-se fundamental compreender os movimentos dessa tendência e especialmente seus impactos para o trabalho¹³.

¹³ Em outras oportunidades, relatamos algumas iniciativas de denúncia dos movimentos sociais e de resistência dos trabalhadores e trabalhadoras da empresa espalhadas pelo mundo. Todas essas aparecem na contrapartida da propaganda empresarial, e dentre elas, pesam as denúncias e processos por discriminação sexual, racial, força de trabalho contratada ilegalmente, irresponsabilidade social, entre outras. Um exemplo foi o Jornal do Consumidor editado pela CONTRACS/CUT em 2007. Com o objetivo de divulgar o ponto de vista do mundo do trabalho sobre responsabilidade social empresarial, em sua edição especial sobre a multinacional Wal-Mart, aponta alguns graves problemas da rede como os citados acima e seu impacto na sociedade. O informativo também divulga a recusa de algumas cidades estadunidenses em receber lojas da empresa, como Inglewood e New York. Outro exemplo é o relato das ações da Marcha Mundial das Mulheres em 2008, nos atos do Dia Mundial da Alimentação, por Soberania Alimentar onde o movimento apontava a empresa como uma das maiores e mais lucrativas transnacionais do mercado varejista do mundo, acusada de desrespeito aos direitos trabalhistas, Em Debat: Rev. Dig., ISSN 1980-3532, Florianópolis, n. 6, p. 194-213, jul-dez, 2011.

A organização da empresa estudada em nossa pesquisa vem ao encontro dessa perspectiva, na qual selecionamos para aprofundamento a corporação estadunidense Wal-Mart, uma das maiores no país de origem, com destaque no âmbito global e grande expressividade no Brasil.

Destarte nossa pesquisa enfrentou a negativa da empresa à possibilidade de entrada formal e realização da pesquisa em acordo com o projetado. Desse primeiro dado, realizamos uma reorganização das ferramentas de investigação, decidindo pela manutenção de dois instrumentos principais em campo, quais sejam as observações sistemáticas em quatro lojas de diferentes bandeiras da empresa, e as entrevistas semi-estruturadas com três lideranças sindicais do âmbito local e nacional. As amostras foram selecionadas intencionalmente buscando dados qualitativamente ricos para a elucidação do problema.

Quanto às entrevistas com as lideranças sindicais, caracterizamo-las como centrais em nosso processo de pesquisa desde o princípio. Pois nesses sujeitos, estariam representados grandes contingentes dessa categoria profissional e estes, por função e definição, posicionar-se-iam num espaço importante para se falar sobre o trabalho das operadoras. Essa perspectiva se confirmou ao alcançarmos êxito na obtenção de importantes informações com esses sujeitos.

Em relação às observações sistemáticas, optamos por uma adaptação no seu modo de fazer. Visto que nossa entrada nas lojas e *supercenters* da empresa estavam inviabilizadas enquanto pesquisadores, buscamos realizar entradas como consumidores potenciais e nessa configuração, pudemos realizar observações ordenadas de forma alternativa.

discriminação contra mulheres e negros e proibição de sindicalização dos seus funcionários. Três exemplos editados em terras estadunidenses também podem ser verificados. O primeiro é o documentário realizado em 2005 por Robert Greenwald chamado *Wal-Mart: The High Cost of Low Price*. Dentre as denúncias estão questões do respeito à saúde dos trabalhadores e trabalhadoras, ao não direito à sindicalização e outras. O segundo é o documentário de 2009 feito por Michael Moore intitulado *Capitalism: a Love story* no qual o cineasta aborda a última crise da economia de seu país e algumas das estratégias do capital para sua recomposição. Durante a abordagem de Moore a Wal-Mart é apresentada como uma das empresas que se utiliza do *dead peasant insurance* ou *janitor insurance*, uma espécie de seguro de vida que a empresa faria em nome de alguns de seus funcionários tendo a própria como beneficiária. Uma prática revoltante para as famílias de seus funcionários que deixou de ser praticada há pouco pela empresa. O terceiro e mais denso está representado pela página <http://walmartwatch.com>. O chamado Observatório do Wal-Mart é uma organização autônoma dos trabalhadores e trabalhadoras da empresa que desde 2005 instituiu uma campanha nacional de denúncia dos impactos da empresa nas famílias e comunidades locais, solicitando alterações e reformas nas políticas de uma das maiores empresas do país. Atualmente, o carro chefe da iniciativa é a aprovação do *Employee Free Choice Act* (EFCA) que visa aprovar uma lei que garanta a possibilidade de formação de um sindicato e a filiação dos funcionários segundo sua vontade. Atualmente são diversas as barreiras para que isso ocorra na empresa, implicando em coerção dos funcionários e demissão de lideranças.

Notas do campo de pesquisa

Nesse momento do texto, trabalharemos com três das linhas mais importantes apontadas pelo campo de pesquisa, quais sejam: 1) a divisão sexual do trabalho e sua justificção ideológico-social, 2) a intensificação do trabalho das operadoras engendrada por muitos fatores, dentre os quais abordaremos a jornada de trabalho e o acúmulo de funções, e 3) os reflexos da mundialização do capital e do ramo hipermercadista no trabalho das operadoras.

A divisão sexual do trabalho

Há uma impressão muito presente de certa feminização dos *supercenters* especialmente pelo fato de que na maioria deles a entrada é composta por densa fileira de caixas registradoras, que por sua vez, são operadas hegemonicamente por mulheres.

Em nossas observações, pudemos constatar um quadro de imensa maioria de população feminina trabalhando nos seguintes setores: caixas registradoras e de estacionamento, fiscalização de caixas, atendentes de padaria e limpeza. Exceto pela última função, nossa observação registrou em todas as outras o emprego da força de trabalho masculina, mas em minoria. Esse tipo de força de trabalho foi mais facilmente visualizado nas seguintes funções: vendas de eletros, açougue, interior das padarias e confeitarias e reposição de mercadorias. Exceto pelo açougue e reposição de mercadorias, nas demais também registramos a presença feminina.

A grande maioria das operadoras dos *checkouts* possui entre vinte e trinta anos, além de apresentarem perfis corporais diversos em relação a peso e estatura. Tais referências partem de suposições realizadas a partir dos estudos sobre a ergonomia dos *checkouts* que, seriam restritivas ao perfil da trabalhadora jovem e adicionamos, de composição corporal longilínea. Tais perfis podem ser considerados adequados para a função numa composição claramente excludente que pode estar velada na organização do trabalho das operadoras. Não descartamos a possibilidade de haver uma suposta expulsão de outros perfis da frente de caixa, quando em contato com o cotidiano da função, que segundo sua forma de realização nos aparenta ser estafante. Por outro lado,

a permanência desses pode indicar casos de necessidade da reprodução da vida maior que os infortúnios da fadiga.

Com os entrevistados, o centro da discussão acerca da divisão sexual do trabalho nas lojas da empresa discutida foi, além da distribuição das tarefas segundo o sexo, a questão das justificativas que sustentam tal distribuição. O dirigente do SINDICATO-A aponta que no interior das lojas, as funções que são mais detidamente reservadas às mulheres são a operação de *checkout*, a panificação e a confeitaria. Ao ser indagado sobre quais as possíveis justificativas dessa ocorrência, afirma que “na verdade é o perfil da mulher em si que ela tem mais facilidade de fazer este tipo de trabalho” (SINDICALISTA-A).

O dirigente do SINDICATO-C indica que para o atendimento com o público, as empresas têm preferido a contratação do trabalho das mulheres. A dirigente do SINDICATO-B complementa afirmando que a contratação das mulheres para determinadas funções, especialmente a operação de caixas, vem segundo uma estratégia de possuir para a função alguém dotada de tranquilidade. Afirma a sindicalista que dado o acúmulo de atividades a que são submetidas, a calma se faz necessária, tanto para suportar a multifuncionalidade em si, quanto para enfrentar o tratamento de clientes descontentes, que por vezes adquire tom de agressividade. São dois lados, primeiramente uma situação rude partindo do cliente pode ser amenizada quando o trato do mesmo tem de ser com uma mulher e por outro, o fato de que a mulher – por suas características – não responderia na maioria das vezes a um ataque de um cliente de forma igualmente agressiva, afirma.

Desses argumentos, podemos refletir segundo nossas leituras e os dados coletados, que a divisão sexual do trabalho no interior das lojas da empresa pesquisada, assenta-se por um lado na suposta característica tipicamente feminina da docilidade. A aceitação pacífica tanto do acúmulo de funções, quanto no trato ao comportamento agressivo de clientes descontentes com algum ponto do atendimento do supermercado podem ser identificados na composição do perfil feminino adequado para execução da operação de caixa. Por outro lado, a existência dessa aceitação e condição de docilidade, que pode ser característica procurada pelas empresas na contratação das mulheres para essa função é contradita com o relato da verificação sobre a pressão psicológica a que essas trabalhadoras são submetidas. Nesse sentido, o SINDICALISTA-C elaborou

durante a entrevista uma metáfora para caracterizar as operadoras de checkout aludindo-as como o para-raio dos hipermercados. Afirma-nos o entrevistado.

Então a operadora de caixa eu digo que é um para-raios [sic] porque ela é o coração do supermercado. Porque ali ela, todo mundo vai passar ali, comprou, ou muitas vezes vai passar ali pra reclamar que não encontrou o que queria então ela tem que anotar o que faltou na loja. Ali o cara pode ter se incomodado no açougue ou na padaria, vai passar ali e vai reclamar, se tiver uma fila, vai estar pressionando a operadora. Então ali é central (SINDICALISTA-C).

A essa narrativa pode-se somar o relato do SINDICALISTA-A, que afirmou ser a operação de caixas, uma função realizada sob muito constrangimento, muita pressão psicológica, assegurando inclusive um recente caso de aproximadamente oito operadoras de checkout em afastamento para tratamento de depressão.

Outro destaque marcante, realizado pelo entrevistado, foi que a entidade que dirige, realiza cadastro das trabalhadoras demitidas. Esses compõem um banco de dados de busca por reinserção dessas operadoras no mercado de trabalho. Segundo a liderança, quando a entidade as contata para oferecer uma vaga para a função ou divulgar um recrutamento, o que se ouve mais comumente é “supermercado nunca mais”. Afirma o sindicalista, que o trabalho nessa função traumatiza as trabalhadoras e isso as faz negar qualquer possibilidade de volta.¹⁴

A intensificação do trabalho

Diversos dos temas trabalhados em nossa pesquisa se relacionam direta ou mediamente às questões da intensificação do trabalho. Compreendemos essa intensificação em três dimensões, quais sejam: a aceleração dos ritmos de trabalho, o incremento de ações nos processos laborais, assim como o exercício da função de forma constrangedora ou desgastante por qualquer circunstância. Para o presente texto, apresentaremos parcialidades dos dados coletados, mas que dão conta de apresentar satisfatoriamente a situação laboral intensificada a que estão submetidas essas trabalhadoras.

Ao observarmos as lojas envolvidas em nossa pesquisa, percebemos que a circulação – movimentação de clientes – nas mesmas não apenas se altera nos períodos

¹⁴ Compreender-se-ia melhor a situação psicológica do trabalho das operadoras por meio do acesso à pesquisa completa, especialmente quando tratarmos da intensificação do trabalho. Todavia, optamos por levantar essa questão nesse ponto no sentido de destacar a contradição existente entre a “docilidade feminina” e os efeitos desse papel na subjetividade das trabalhadoras.

do dia, semana ou mês, como também em acordo com a comunidade local atendida por cada supermercado, ou seja, sua localização na cidade. Os efeitos da intensidade da circulação de clientes nas lojas são imediatamente sentidos na frente de caixa e por isso refletem diretamente no trabalho das operadoras de *checkout*. Nas lojas centrais a constância de circulação é maior, assim como nos caixas rápido de todas as lojas, implicando alta intensidade de trabalho às operadoras envolvidas nessas localidades.

Notamos que existe um perfil geral das operadoras de caixa. São mulheres e jovens em sua maioria. Também pudemos verificar durante as observações muitos chamamentos para vagas de emprego na operação dos *checkouts*. De antemão, a permanência da seleção das trabalhadoras para essa função nos indica algo além da expansão do setor, que é a alta rotatividade dessas funcionárias.

Sobre o recrutamento das trabalhadoras, a necessidade de disponibilidade de horários foi registrada em nossas observações em todos os chamamentos para emprego na função. Podemos avaliar que a solicitação pela citada disponibilidade se relaciona a duas questões importantes: o trabalho aos domingos e feriados, assim como a necessidade de exercer a função em horário noturno, e, em alguns casos durante a madrugada, como a situação da loja vinte e quatro horas.

Outra informação implícita no dizer da disponibilidade de horários é em relação aos afazeres do âmbito privado. Tomemos uma trabalhadora com responsabilidades nesse contexto, a exemplo dos cuidados com um filho, ou com um familiar acamado, ou outra questão. Essa trabalhadora poderá ler nas entrelinhas dessa informação que terá dificuldades no exercício da função ou maiores problemas para realização de seu trabalho doméstico.

De certa forma podemos afirmar que a disposição de um horário flexível de trabalho, interfere na seleção de um tipo de trabalhadora, que nesse caso não poderá possuir atividades fixas no seu ambiente fora do trabalho – como, por exemplo, os estudos, as responsabilidades com os filhos – indicando que para o trabalho nessa ocupação, a operadora deverá permitir subsumir de forma real sua vida ao capital corporativo, nos termos em que afirma Tumolo (2003).

Vejamos a questão da jornada de trabalho. Ao perguntarmos aos entrevistados, qual seria o item de maior destaque das convenções coletivas de trabalho, que seriam mais contundentemente desrespeitados pelas empresas, a resposta foi imediata e unânime: a jornada de trabalho estabelecida. A jornada de quarenta e quatro horas,

divididas na escala com uma folga por semana, acaba se estendendo nas diversas ocasiões em que o movimento das lojas se agrava. Trata-se de uma ampliação informal da jornada de trabalho que é recorrente, mas velada. As operadoras necessitam se adequar extrapolando seus limites de horários, em especial, nos momentos de fechamento das lojas, quando as grandes filas ainda permanecem no mercado. Conforme relata uma das lideranças sindicais:

Normalmente nos finais de semana, a operadora de caixa, a empresa através de seu frente de caixa, normalmente, chamados fiscais de caixa. “Não, fica mais um pouco que a fila tá grande, fica mais um pouco”, a menina acaba extrapolando a jornada dela sem ganhar hora extra e já começa a trabalhar com má vontade (SINDICALISTA-A).

Essa situação se apresenta como grande problema do ponto de vista do direito do trabalho, além de que inviabiliza a recomposição adequada das trabalhadoras, que certamente retomam sua jornada posterior cada vez mais cansadas. É o que ilustra a fala de outro sindicalista:

A jornada hoje é medonha. A jornada, acho que é a que mais pega. Se hoje nós tivéssemos só pra operador de caixa, nós tivéssemos jornada máxima, máxima, seis horas, proibido, mas proibido mesmo fazer meia hora extra. Proibido. Nós resolveríamos 50% dos problemas com operadores de caixa. Resolveríamos. Jornada de seis horas e proibido. Levar isso a ferro e fogo resolveria mesmo de fato os problemas dos operadores de caixa com referencia a jornada. Porque a jornada ela estressa e aí começa todo um acúmulo de problemas. (SINDICALISTA-C).

As questões de jornada de trabalho são os problemas relatados com maior frequência nas entidades de defesa das trabalhadoras. Nesses casos, a empresa quando realiza aumento informal do período trabalhado, por vezes não realiza pagamento de hora-extra referente ao mesmo, como observamos na narrativa do sindicalista supracitado. Acerca da ampliação da jornada de trabalho dessas operadoras, podemos verificar um incremento na extração da mais-valia absoluta, definida nesses termos por Marx (2003).

Quanto ao acúmulo de funções exercidas pelas trabalhadoras, temos como dimensão importante o incremento tecnológico. Na especificidade da função de operação de *checkout* existe um grupo de preocupações que procuramos analisar pelas observações sistemáticas e entrevistas, o processo de avanço tecnológico ou desenvolvimento das forças produtivas do trabalho no contexto da mundialização do capital.

Os acelerados processos produtivos demandam desenvolvimentos tecnológicos igualmente velozes, que conforme tendência que apontara Marx (2003), a

industrialização de um setor produtivo engendra o mesmo processo nos demais, especialmente os mais próximos e importantes.

Nesse ínterim, toda a tecnologização acaba por perpassar a cadeia produtiva como um todo, na salvaguarda do desenvolvimento desigual e combinado atual, e temos então disponível para as operadoras de *checkout* o avanço técnico para a exploração do seu trabalho. E assim apontamos que o desenvolvimento tecnológico para as operadoras de *checkout* tiveram historicamente por função, em síntese, acumular funções de outras ocupações a serem exercidas pela mesma trabalhadora – ensacamento e pesagem das mercadorias – e retirada da autonomia e controle do seu próprio trabalho.

Percebemos durante as passagens por essas trabalhadoras, o exercício de mais funções que as especificamente correlatas ao papel de verificação, registro e cobrança da saída de mercadorias. Para além desta, registramos toda uma sorte de outras que podemos citar: 1) pesagem de produtos alimentícios de diversos pesos e medidas; 2) registro de mercadorias não encontradas pelo cliente; 3) venda de recargas para celular; 4) registro de compras no clube de prêmios da empresa ¹⁵; 5) oferecimento para inscrição no clube de prêmios da empresa; 6) ensacamento das diversas amplitudes de compras dos clientes; 7) desativação dos dispositivos de segurança de algumas mercadorias; 8) anotação de mercadorias ou produtos ausentes.

O acúmulo das funções exercidas pelas operadoras de caixa é fator central da intensificação do trabalho das mesmas. Afirmam os entrevistados que as múltiplas funções postas às operadoras também impactam no atendimento ao cliente, que por sua vez lhes confere maior pressão por parte da fiscalização. Dos pontos importantes nas funções recentemente acumuladas pelas operadoras, registramos nas entrevistas a questão do empacotamento das compras e a pesagem dos hortifrutigranjeiros, ambos alcançados após reestruturações dos *checkouts* e do desenvolvimento de novas tecnologias.

Um fator adicional que apareceu nessas entrevistas foi quando os sindicalistas afirmaram que em algumas lojas, as caixas passaram a receber pagamentos de contas como luz, água e telefone, exercendo função de praticamente caixa bancário, que trabalha sob outra convenção, muito diferente, em especial se nos referirmos à jornada de seis horas diárias que essa categoria normalmente realiza.

¹⁵ Trata-se de uma promoção de acúmulo de pontos em acordo com os valores gastos nas lojas. Posteriormente estes pontos podem ser trocados por produtos.

Em Debat: Rev. Dig., ISSNe 1980-3532, Florianópolis, n. 6, p. 194-213, jul-dez, 2011.

Outra relação importante das operadoras com o aparato tecnológico é a questão do desenho ergonômico dos caixas, que conforme constatamos, utiliza-se de padrões prejudiciais a saúde das trabalhadoras. Mesmo cientes da nova legislatura para a questão, ainda observamos alterações muito tímidas nas lojas observadas e entrevistas, o que ainda nos faz afirmar os prejuízos a saúde das operadoras no presente.¹⁶

Os caixas rápidos possuem espaço extremamente reduzido para a operadora, o que reduz suas possibilidades de movimento durante a jornada. É característica marcante nesses caixas a inexistência de esteiras rolantes, o que obriga as trabalhadoras a movimentos mais amplos, num espaço mais restrito, por vezes levantando peso em posturas inadequadas. Também é recorrente a estrutura inadequada para ensacamento das compras, que nesse caixa é função exclusiva das operadoras, tornando o trabalho das funcionárias visivelmente mais exaustivo.

Essas e outras atividades das operadoras são exercidas de maneira bastante simplificada e funcional, não requerem aparentemente um conhecimento aprofundado no trato com as tecnologias. As tarefas são preestabelecidas numa gama fechada de possibilidades, essas são selecionadas e confirmadas por meio do teclado, que via *software* soma, registra e realiza as operações para o caso de troco em dinheiro. O *checkout* de maneira geral é constituído de aparatos tecnológicos que não apenas garantem o acúmulo de funções para a operadora, como incorporam o trabalho cognitivo, caracterizando a função como extremamente simplificada e eminentemente manual.

Algumas funções são vedadas às operadoras como, por exemplo, o cancelamento de produtos no interior da compra – para o caso de desistência ou mesmo registro em duplicidade, ou concessão de desconto – para o caso de cobertura de ofertas da concorrência, assim com o cancelamento total da compra. Essas, por uma questão de visível controle estrito do trabalho e conseqüente retirada da autonomia das operadoras, são realizadas pela fiscalização de caixa.

¹⁶ Poder-se-ia afirmar que a substituição da digitação por parte da operadora dos preços das mercadorias individuais pelo registro ótico do código de barras como um benefício à saúde das trabalhadoras. Em fato, concordaríamos. Mas não se pode prescindir de uma análise profunda, que constata tal modificação enquanto um processo de aceleração do atendimento e melhoria da qualidade do mesmo em relação ao cliente de forma imediata. Também não é demais lembrar que a introdução da leitura ótica do preço das mercadorias via código de barras não elidiu as doenças laborais dessas trabalhadoras.

Impactos da mundialização do capital

Nesse ponto, apreendemos um contexto de alterações no ramo supermercadista a partir da chegada das corporações multinacionais. Esse ramo passou por algumas metamorfoses desde esse acontecimento.

Vejamos os entrevistados. Todos estão envolvidos com o setor há muitos anos, assistindo, portanto, a chegada e instalação das grandes empresas transnacionais no país. Viram também os processos de centralização dos capitais menores, promovidos pelas grandes empresas do ramo supermercadista.

Quando perguntados sobre a percepção de grandes mudanças com a vinda dessas corporações, relatou-se uma série de questões, tendo destaque a gestão do trabalho e a organização do funcionamento das lojas, esclarecendo que a cultura de funcionamento das grandes empresas fixou um novo modo de ação dos supermercados no Brasil.

Em relação ao funcionamento das lojas, as transnacionais trouxeram dois pontos fundamentais: os horários expandidos de funcionamento e o expediente aos domingos. Para o SINDICATO-A, a gestão européia trouxe como experiência o trabalho aos domingos. Segundo seu dirigente, o domingo se caracteriza como o dia de melhores vendas naquele continente e esse experimento foi implantado em Curitiba, capital do Paraná, tão logo as empresas multinacionais se instalaram. O entrevistado narrou uma tentativa de resistência de alguns concorrentes nacionais, mas sem sucesso, rapidamente a organização do funcionamento das lojas de quase todos os supermercados se aproximou, confirmando a afirmação de que os maiores e mais potencializados capitais exercem influência sobre os demais no interior da chamada concorrência intercapitalista.

Logo depois, afirma o sindicalista, veio a proposta de atendimento vinte e quatro horas, que só pode funcionar, inicialmente, via liminar judicial, oferecendo lojas abertas ininterruptamente.

Essa nova perspectiva trouxe impactos diretos sobre o trabalho das operadoras que se intensificou. Tomou-se para o trabalho horas e dias até então inéditos em seus cotidianos. Com essa ampliação formal, somou-se uma ampliação informal, recorrente, mas velada, onde as mesmas têm de se adequar extrapolando suas jornadas, em especial, nos momentos de fechamento das lojas, quando as grandes filas ainda

permanecem no mercado e conforme havíamos citado anteriormente, intensificam-se os processos de extração de mais-valia absoluta.

A entidade SINDICATO-C relata esse processo a partir da chegada da empresa estadunidense à capital do estado. Segundo o mesmo, reuniram-se oito grandes empresas do ramo supermercadista para discutir o trabalho aos domingos. A citada empresa que na ocasião pressionava pela abertura das lojas nesse dia, foi derrotada por sete votos a um. Nessa ocasião, decidiu realizar abertura de suas portas aos domingos sozinha, a revelia da decisão do grupo de empresários. Em pouco tempo, relata o sindicalista, todos os supermercados obrigaram-se igualmente a promover sua abertura para continuarem na concorrência de vendas.

As entrevistas também revelaram duas estratégias utilizadas pela empresa estudada no momento de sua chegada as cidades. A primeira é que, segundo as lideranças, uma prática comum – e possível apenas para uma empresa com suas consideráveis dimensões – é trabalhar com taxas de retorno mais baixas por algum período, na busca pela eliminação de possíveis concorrentes, que não suportariam cobrir os preços e fatalmente quebrariam ou mesmo enfraqueceriam muito.

Outra questão é a chamada “enxoval” para os fornecedores, na qual a corporação acorda com essa categoria de empresas que para o fornecimento dos produtos para as lojas da mesma, será necessário praticarem os preços indicados. Dessa forma para manutenção do vínculo comercial a precarização e intensificação do trabalho é repassada para outros ramos, de forma que esses possam manter preços baixos para o fornecimento as grandes lojas da corporação.

Sobre o trabalho propriamente dito, além de notarmos um acentuado peso nos processos de compra e venda de mercadorias em detrimento da condição humana do trabalho, pudemos observar nas entrevistas que as ações para o acúmulo de funções sob as operadoras de caixa se iniciam também com o aparecimento e emergência das multinacionais no território brasileiro. Afirma o SINDICALISTA-A que é oriunda desse contexto a eliminação do funcionário empacotador nos caixas e sua função foi assumida pela operadora, que conta – com sorte – com algum equipamento tecnológico para o auxílio nessa tarefa.

Considerações Finais

Neste artigo, trabalhamos com a apresentação de dados de nossa pesquisa, que relatam algumas dimensões do que estamos chamando de “walmartização” do trabalho das operadoras de *checkout*. Isso nada mais é que uma nova formatação dessa função laboral, que encerra múltiplas determinações, próprias da realidade social contemporânea.

Nossa problemática questionou que implicações o contexto da mundialização do capital pode imprimir nessa forma de trabalho. Embora os caminhos dessa pesquisa tenham apresentado percalços significativos e nossas ferramentas metodológicas tenham de ter sido flexibilizadas, os dados coletados foram objeto de rica reflexão que nos permitiu concluir provisoriamente acerca da temática estudada.

Demonstramos então, e concluímos que tanto o trabalho de forma geral, quanto o trabalho das operadoras de *checkout* sofrem implicações, alterações, transformações e metamorfoses em acordo com o andar do desenvolvimento social capitalista.

Nesse texto, vimos que a divisão sexual do trabalho, assentada nos princípios de separação e hierarquização (KERGOAT, 2004), estabelece a contratação hegemonicamente feminina, explorando sua suposta docilidade na apropriação de seu trabalho não pago.

Também verificamos brevemente que os ritmos alterados de trabalho, assim como o acúmulo de ações ou funções laborais, são elementos importantes na intensificação do trabalho das operadoras de *checkout*. Poderíamos relatar a situação psicológica com mais densidade, ou a precarização salarial a que estão submetidas, ou ainda fazer uma discussão mais aprofundada sobre as questões da divisão sexual do trabalho e classe que estão imersas na lógica do capital, entretanto escolhemos privilegiar nesse momento a questão da intensidade do trabalho¹⁷.

Em relação à mundialização do capital, vimos ser essa a face atual do sistema capitalista. Mesmo que no campo teórico se aponte para uma nova sociabilidade sob a insígnia da globalização e do fim do trabalho, nossa análise emplacou em contraponto, que vivemos a mesma organização social, fundada na exploração do trabalho, na extração de mais-valia e mais recentemente no reino do capital financeiro, sem a

¹⁷ O formato de artigo reserva limites às expressões mais detalhadas de nossa pesquisa. Tais questões – e outras – encontram-se abordadas com maior profundidade no texto completo Cf. Nota 1.

Em Debat: Rev. Dig., ISSNe 1980-3532, Florianópolis, n. 6, p. 194-213, jul-dez, 2011.

demonstração de uma ruptura essencial com o fundamento primordial da sociedade capitalista. Essa configuração tem reflexo também no ramo hipermercadista, e os dados apresentados nesse texto, dão conta de ilustrar as dimensões das corporações transnacionais sobre quem estamos refletindo.

Concluimos em tempo, que nesse contexto, a correlação de forças na economia política, indica um amplo desfavorecimento da classe trabalhadora em relação ao capital (LIMA FILHO, 2004), facilitando o aceite de trabalhos intensivos, por vezes precarizados e sua recusa – como visto – têm substituição imediata por meio de outra característica fundamental da sociabilidade capitalista contemporânea, o marcante desemprego crônico.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.

COSTA, Edmilson. *A globalização e o capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FORTUNE 500. Disponível em:

<http://money.cnn.com/magazines/fortune/fortune500/2010/full_list>. Acesso em: 30 mai. 2010

GLOBAL 500. Disponível em:

<http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2009/full_list>. Acesso em: 06 out. 2009.

GRUPO DIA. *Dia em números*. Disponível em:

<<http://www.diacorporate.com/diawebapp/web>>. Acesso em: 30 mai. 2010.

HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. In: Gênero, Tecnologia e Trabalho: *Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho* – ALAST. Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, 1998.

IASI, Mauro Luís. *As metamorfoses da consciência de classe*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, Helena; Laborie, Françoise *et alii*. *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris, PUF, 2004 (edição ampliada).

LIMA FILHO, Domingos Leite. *Dimensões e limites da globalização*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARX, Karl. *O capital*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *A feminização no mundo do trabalho*. Campinas: Autores Associados, 2004.

OCUPANDO posição de destaque no cenário nacional. Disponível em: <<http://www.atacado.com.br/atacado>>. Acesso em: 30 mai. 2010.

TRAJETÓRIA Carrefour. Disponível em: <http://www.carrefour.com.br/static/grupocarrefour_270#trajetoria-carrefour>. Acesso em: 30 mai. 2010.

TRISTÃO, Ellen Lucy; LUPATINI, Márcio; LARA, Ricardo. O processo de mundialização do capital e sua forma "adequada" de conhecimento. In: *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n. Especial, p. 65-91, mai., 2009.

TUMOLO, Paulo Sérgio. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. *Educação e Sociedade*, Campinas – São Paulo, v. 24, n. 82, p. 159-178, 2003.

WALMART BRASIL. *No mundo*. Disponível em: <<http://www.walmartbrasil.com.br/institucional/nomundo.aspx>>. Acesso em: 30 mai. 2010.'